

## **ACTING OUT E PASSAGEM AO ATO EM LACAN: ALGUMAS DISCUSSÕES A PARTIR DE UM CASO DE ABUSO SEXUAL**

**Rafael Reis da Luz<sup>1</sup>**

### **RESUMO**

O presente texto apresenta uma breve discussão sobre os conceitos *acting out* e passagem ao ato em Lacan, tendo como ponto de partida os fragmentos de um caso clínico envolvendo abuso sexual, no Centro de Referência de Mulheres da Maré Carminha Rosa (CRMM-CR), projeto de extensão da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ). Lacan argumenta que, além do sintoma, existem formas de enfrentamento da angústia que se dão mediante atos ou ações. Esses atos seriam o *acting out*, conceito propriamente psicanalítico, e a passagem ao ato, conceito da tradição psiquiátrica. Lacan procura diferenciá-los a partir de suas formulações sobre o objeto *a*. Enquanto o *acting out*, em sua relação com o objeto de desejo, sugere uma atuação ‘para dentro’ da situação analítica, evidenciando a importância da transferência e da presença do Outro, a passagem ao ato sugere um ‘sair de cena’. Faz-se necessário, todavia, que as atuações sejam analisadas *a priori* e *a posteriori*, em outros termos, considerando-se acontecimentos prévios e também os efeitos de tais atos impulsivos.

**PALAVRAS-CHAVE:** *Acting out*. Passagem ao ato. Abuso sexual.

---

<sup>1</sup> Mestre e doutorando em Psicologia pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ). E-mail: rafaelreisdaluz@gmail.com.

## INTRODUÇÃO

O presente texto é uma versão desenvolvida do trabalho de conclusão do curso de atualização em Fundamentos da Experiência Psicanalítica, oferecido pela Escola Nacional de Saúde Pública (ENSP), da Fundação Oswaldo Cruz (Fiocruz). Tem como objetivo apresentar uma breve articulação teórica sobre os conceitos de *acting out* e *passagem ao ato* em Lacan, tendo como ponto de partida fragmentos de um caso clínico de abuso sexual, acompanhado em uma instituição que atende mulheres em situação de violência doméstica.

A relevância desse trabalho parte de um reconhecimento da importância de conceitos como *acting out* e *passagem ao ato* para a prática analítica na contemporaneidade. As formas contemporâneas do sofrimento mental se exprimem menos pela defesa – via retorno do recaiado e, portanto, via sintoma – e mais por atos impulsivos. Nesse sentido, procuramos contribuir com uma discussão fecunda sobre os atos impulsivos e seu lugar na clínica psicanalítica hoje, particularmente no que concerne à conceituação e diferenciação entre o *acting out* e a *passagem ao ato*.

A importância do tema aumenta quando nos encontramos em projetos de extensão universitária em assistência social e que envolvem a dimensão clínica dos transtornos mentais. Desse modo, procuramos estabelecer um diálogo entre a psicanálise e a prática profissional em instituições e serviços que compõem as políticas de assistência social e de enfrentamento às diferentes formas de violência. Em outros termos, a partir de uma elaboração teórica e do caso clínico apresentado, buscamos refletir sobre a viabilidade da psicanálise no campo da assistência social.

Adiante, serão destacados alguns aspectos do caso para pensarmos a importância de tais conceitos na teoria e prática psicanalíticas.

### **1 O CENTRO DE REFERÊNCIA DE MULHERES DA MARÉ CARMINHA ROSA (CRMM-CR)**

O CRMM-CR é um projeto de extensão da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), localizado na Vila do João, uma das 16 microcomunidades que integram o Complexo da Maré. Aberto a todas as mulheres da Maré, o CRMM-CR

tem como missão estimular, apoiar e ampliar as iniciativas e alternativas para assegurar as condições de exercício da cidadania das mulheres daquele bairro<sup>2</sup>.

Conforme sugere a Norma Técnica de Uniformização dos Centros de Referência de Atendimento às Mulheres (BRASIL, 2006), a atuação do profissional de Psicologia está incluída na abordagem multiprofissional e interdisciplinar, e deve estar vinculada a abordagens psicoterapêuticas mais diretivas, envolvendo resgate da autoestima e promoção da autonomia, entre outros processos. Não obstante, pensar o exercício da psicanálise em espaços como os do Centro de Referência revela-se algo possível e necessário, embora seja um grande desafio. O caso a ser apresentado é um exemplo.

## **2 O CASO JOANA<sup>3</sup>**

Joana possui 43 anos, trabalha como auxiliar de serviços gerais e é mãe de quatro jovens, frutos de um casamento que durou aproximadamente 25 anos e que foi marcado por intensos episódios de violência, sendo enquadrados na categoria legal e jurídica de violência doméstica, com violência psicológica – ameaças, insultos, intimidações –, física – socos, tapas, chutes, puxões no cabelo – e sexual – estupro e abuso sexual da filha.

Joana passou a ser acompanhada pelo CRMM-CR há aproximadamente cinco anos, quando ainda vivia com seu esposo. A relação teria chegado ao fim quando seu marido teria ameaçado matar um dos filhos. Joana ainda sofre os efeitos de uma prolongada relação conjugal que hoje ela rememora como violenta. Tais efeitos são somados à violência e insegurança do local onde reside, marcado pela presença constante de facções do mercado ilegal de drogas e armas.

Naquele momento de sua história, Joana entendeu que estava começando uma nova vida, mas eventualmente sentia medo de tudo, ficando insegura e depressiva, imaginando que tudo em sua vida daria errado e que ela teria mais uma de suas

---

<sup>2</sup> Essas e outras informações encontram-se no site do CRMM-CR: [www.nepp-dh.ufrj.br/crmm](http://www.nepp-dh.ufrj.br/crmm).

<sup>3</sup> Nome fictício para preservação da confidencialidade. A publicação do caso deu-se mediante consentimento da usuária.

“crises” (sic), momentos em que ela ficava aos prantos e apresentava ideações e intenções suicidas.

Um fato relevante em sua história é a fantasia do abuso sexual sofrido na infância e que ainda a assombrava, ponto no qual nos detemos. Por volta dos seis anos, Joana relata ter sofrido abuso sexual seguidas vezes por um vizinho, que oferecia alimentos em troca. Em alguns atendimentos, algumas palavras aparentemente disparatadas, como “usada” e “laranja” (sic), apareciam em seu discurso. Aos poucos, esses termos e palavras mostraram-se organizados em uma cadeia significativa ligada à referida experiência de abuso. Em algumas sessões, rememorou com detalhes as cenas de abuso sexual e, certa vez, desencadeou-se uma crise nervosa, inicialmente entrando em transe e revivendo a cena como se ela estivesse acontecendo naquele momento. De olhos fechados, narrava: “ele mandou a gente tirar a roupa”, “mandou a gente subir na cama”, “ele tirou a calça”, “fez aquelas coisas comigo” (sic). Em seguida à narrativa, começou a tremer, alegando sentir muito medo, chorando copiosamente. Contorcia-se, jogava-se no chão e pedia para segurar nas mãos do psicólogo, dizendo repetidamente “me ajude” (sic).

À primeira vista, poderíamos considerar que a cena acima narrada ilustra um típico ataque histérico. Freud argumenta, em seus *Esboços para a “Comunicação preliminar” de 1893* (1996) e *Extratos dos Documentos Dirigidos a Fliess* (1950/1996), que um ataque histérico, envolvendo estados dissociativos, é um meio de retorno de uma lembrança ou evento que aponta para a permanência de um trauma psíquico. O ataque histérico é antes de tudo uma ação – e não uma descarga –, tratando-se, portanto, de um meio de reprodução do prazer relacionado à lembrança ou evento traumático. Como veremos à frente, o ataque de Joana parecia indicar, à primeira vista, o retorno daquilo que fora em algum grau prazeroso, mas que não deveria ou não poderia ser.

Após algumas sessões, Joana reconheceu um paralelo entre a relação de abuso sofrida no passado e suas relações no presente, em especial com os homens. Nunca conseguiu sentir prazer sexual, e quando fazia sexo, sentia-se suja e culpada. Joana alegou que sempre se sentia usada pelos homens. Em certa sessão, ela cometeu um ato falho ao pronunciar a palavra “abusada”, fazendo-a soar como “ab-usada”

(sic). O prefixo 'ab', como sabemos, indica afastamento, negação, como 'abster' e 'abdicar'. Pareceu-nos que, nesse momento, falharam sua insistência no lugar de objeto e sua negativa de qualquer responsabilidade na violência sexual sofrida.

Trata-se, evidentemente, de uma leitura do analista. Embora Joana não tenha aparentado dar-se conta do que dissera, entendemos que, pela característica própria dos atos falhos, esta palavra pode ter operado um corte em seu discurso, possibilitando perlaborações por parte da usuária, conforme mostrado adiante.

Em uma sessão, mediante considerável dificuldade, Joana reconheceu que sentira prazer naquelas relações com o vizinho e que por isso a culpa e assolava. Então ela foi questionada, por parte do analista, se o fato de ser tratada como objeto pelas pessoas, em especial os homens, seria algo unilateral ou se também era demandado por dela. Nesse momento, ela lembrou que houve uma espécie de 'acordo' na experiência de abuso: cabia ao suposto abusador oferecer-lhe alimentos, frutas como "laranjas" para que então ela pudesse ser "usada" (sic). Desse modo, houve uma implicação por parte de Joana no acontecimento traumático. E, em sua vida presente, ela não só era colocada como objeto, como também se colocava enquanto tal. Essa característica da personalidade de Joana se manifestava com frequência durante as sessões, em especial nos seus momentos de "crise", nos quais ela encolhia-se como um bebê, numa clara regressão, e pedia desesperadamente por ajuda. Parecia haver certa teatralidade em seus atos, certo prazer em ser usada, em ser colocada num lugar de objeto, por mais que isso lhe causasse sofrimento, do mesmo modo como ocorreu na experiência de abuso sexual. Joana não aceitou essa colocação de início, chegando a sentir-se ofendida. Todavia, ao longo das sessões, aos poucos começou a reconhecer a responsabilidade com sua própria história.

Aproximando a história do abuso sexual de Joana a uma elaboração teórica, reconhecemos a importância da discussão realizada por Freud em seu texto "*Uma criança é espancada*": *Uma contribuição ao estudo da origem das perversões sexuais* (1919/1996), no qual ele disserta sobre o problema do masoquismo a partir de alguns tipos particulares de perversão. Por intermédio da investigação da fantasia masturbatória de alguns pacientes envolvendo cenas de crianças sendo castigadas fisicamente, Freud reconstrói uma longa história psíquica cujo processo mais notável

é a passagem do sadismo para o masoquismo, ocasionada pelo sentimento de culpa – desejo de punição – e como substituição do amor sexual parental. A essência do masoquismo, segundo Freud, consistiria na convergência entre sentimento de culpa e amor sexual.

Na personalidade masoquista de Joana, a história do abuso sexual sofrido aparece como discurso possível e aceitável, que encontra parâmetro legal e jurídico, mas que mascara sua responsabilidade não apenas na relação de abuso, mas também no suposto prazer em atualizar seu lugar de objeto utilizado para prazer alheio. Ademais, tal discurso se adéqua e se conforma ao modelo de demanda que a instituição atende, no caso, mulheres vítimas de violência.

Não se trata, aqui, de responsabilizar ou culpar a mulher pelas violências sofridas ou de negar a existência dessas violências. Trata-se de compreender e apontar, a partir da contribuição da psicanálise, como o próprio sujeito (re)constrói, a partir de sua história, as suas perdas e ganhos, seus fracassos e vitórias, sujeições e possibilidades de autonomia.

### **3 AS “CRISES”: ACTING OUT E PASSAGEM AO ATO**

O detalhe para o qual desejamos chamar a atenção no caso em tela está relacionado às frequentes “crises” (sic) de Joana no interior do CRMM-CR, não apenas nas salas de atendimento, mas também em outros espaços institucionais, como a sala de acolhida.

Essas crises em geral ocorriam após alguma situação em que ela se sentia “usada” (sic), em especial quando descobria que algum homem queria “apenas se aproveitar” (sic) sexualmente dela – embora ela participasse ativamente de todo o jogo de sedução. Caracterizavam-se por comportamentos regressivos, trágicos, teatrais, envolvendo ideações e intenções suicidas, quedas voluntárias ao chão e pedidos suplicantes de ajuda, como a cena anteriormente apresentada. Com o tempo, suspeitamos que esses atos, que eventualmente envolviam pedidos para segurar nas mãos dos profissionais, procuravam reforçar seu lugar de objeto ou de sujeito em lugar subalterno, lugar de vítima, em sua relação com a instituição. Joana parecia

atualizar a todo o momento sua relação masoquista com o entorno. Consideráveis resistências começaram a surgir após o momento em que tal percepção foi apresentada e quando a postura dos profissionais passou a não ser mais 'acolhedora' no sentido de exigir maior autocontrole da usuária.

Conforme discutido anteriormente, ataque histérico é uma ação, um ato. Desse modo, podemos compreender alguns dos ataques de Joana como *acting outs* uma vez que eles apontam para a questão da transferência e da presença do Outro. Faremos uma breve exposição conceitual para justificar tal postulação.

No *Seminário X: A angústia* (2005), em uma exposição de 1963, Lacan argumenta que, além do sintoma, existem formas de enfrentamento da angústia que se dão mediante atos ou ações. Esses atos seriam o *acting out*, conceito propriamente psicanalítico, e a passagem ao ato, conceito da tradição psiquiátrica. Lacan procura diferenciá-los a partir de suas formulações sobre o objeto *a*.

Em sua apresentação da psicanálise lacaniana, Vanier (2005) retoma a observação de Freud da brincadeira de um de seus netos para então explicar a emergência do objeto *a*. Na ausência da mãe, a criança jogava e puxava de volta um brinquedo repetidamente, proferindo as palavras em alemão *fort-da*, que podemos traduzir para "sai-vem cá". A conclusão de Freud foi de que esse jogo, que envolvia momentos de desaparecimento e retorno, remetia a um progresso de ordem cultural, uma demonstração de renúncia à pulsão, pois permite à criança suportar a saída da mãe mesmo tratando-se de uma situação carregada de desprazer.

A partir da perspectiva lacaniana, Vanier (2005, 73) aponta que a brincadeira *fort-da* introduz uma *simbolização primordial* das ausências/presenças da mãe, simbolização que ocorre pela linguagem. Nas palavras do autor:

Lacan observará dois pontos a esse respeito: está em jogo, por um lado, a *constituição do sujeito* – aquele que enuncia os significantes *fort-da* indica uma posição subjetiva separada do *Outro*, da mãe primordial –, por outro, o carretel não é só um objeto *que representa* a mãe, mas também um objeto que vê o sujeito como tendo sido arrancado de si mesmo. Assim, nessa operação, o sujeito é "descompletado" deste. O objeto, separado do sujeito, adquire uma função de obturação da ausência, da *falta*, ao mesmo tempo que a encarna de maneira maximizada, permanecendo absolutamente contingente (VANIER, 2005, 73-74, itálicos do autor).

Mediante a simbolização, essa primeira perda permite a um só tempo colocar o sujeito dividido e instaurar o que Lacan nomeia como objeto *a*. Em outros termos, a simbolização produz um resto: o objeto *a*, que só é passível de existência justamente no momento de sua perda. Segundo Lacan (1963/2005, 128): “É a partir do Outro que o *a* assume seu isolamento, e é na relação do sujeito com o Outro que ele se constitui como resto.” E tal objeto é considerado perdido não por conta da saída ou do lugar vazio deixado pela mãe, mas devido à operação de simbolização que, substituindo seu símbolo, tornou-o ausente. O objeto perdido, causa do desejo, orienta a vida do sujeito na busca de seu reencontro. O impasse, portanto, consiste no fato de que, “a partir do instante em que está *na* linguagem, o sujeito só tem à sua disposição a linguagem para tentar reencontrar esse objeto, perdido exatamente por causa dela” (VANIÉR, 2005, 77, *itálico do autor*).

O *acting out* é articulado ao objeto causa do desejo. Esse objeto, o pequeno *a*, é a marca do *acting out*. Lacan (1963/2005, 138-139) afirma:

*O acting out* é, em essência, a mostraçã, a mostragem, velada, sem dúvida, mas não velada em si. Ela só é velada para nós, sujeito do *acting out*, na medida em que isso fala, na medida em que poderia ser verdade. Ao contrário, ela é, antes, visível ao máximo, e é justamente por isso que, num certo registro, é invisível, mostrando sua causa. O essencial do que é mostrado é esse resto, é sua queda, é o que sobra nessa história.

Postulando o *acting out* como algo que se mostra na conduta do sujeito, Lacan destaca sua orientação para o Outro.

Em sua releitura do conceito, Calazans e Bastos (2010, 251) afirmam:

... podemos mesmo pensar o *acting out* em análise como um modo de endereçar-se ao analista quando este, em vez de se situar como objeto causa do desejo, coloca-se aí como Outro. Por esta razão, não se pode dizer que se trata de um modo de romper com o Outro no *acting out* e sim um modo de responder a este Outro, quando o sujeito não tem mais um hiato que o separe dele.

Os autores também ressaltam a função que o objeto desempenha no *acting out*. Nesse caso, ao invés de ocorrer um curto-circuito do sujeito com o objeto em sua

função de resto – como acontece na passagem ao ato –, o objeto é tomado em sua face agalmática, de adorno, de brilho.

Lacan (1963/2005) pontua que, ao contrário do sintoma, que é gozo e que por isso se basta, o *acting out* clama por interpretação uma vez que ele aponta para o estabelecimento da transferência. Trata-se do que o autor chama de transferência selvagem, uma transferência sem análise e que requer domesticação. O manejo da transferência, desse modo, assume papel crucial uma vez que o *acting out* dirige-se ao Outro e, em situação de análise, ao analista.

Silva (2001) defende a hipótese de que haveria um laço estrutural entre o *acting out* e a passagem ao ato. Embora diferentes, eles apresentam indícios da ocorrência do sujeito barrado como impossível de dizer, como constituído de algo que se desprende, dejeta-se, deixa-se cair. Segundo a autora, seriam modos diferentes de dejeção da cena.

Passo então a distingui-los sem deixar de mostrar sua articulação. Eles têm em comum o fato de constituírem modos de dejeção da cena. É preciso distinguir a dejeção de um objeto, da dejeção do próprio sujeito. O *acting out* é uma saída à maneira de um contorno. Trata-se de uma dejeção do campo da fala pois “o objeto” se mostra. (...) A passagem ao ato é o gesto de deixar para lá o que é “impossível de dizer”. O sujeito devém o mais “apagado pela barra” e é dejetado da cena analítica (SILVA, 2001, 1).

A passagem ao ato, para Lacan (1963/2005), assume direção completamente diferente do *acting out*: enquanto este remete a uma atuação que reconhece e convoca o Outro, aquela envolve a sua dissolução ou destituição. Conforme argumentam Calazans e Bastos (2010), ocorre um curto-circuito entre o sujeito e o objeto, sendo a passagem ao ato uma solução para tal curto-circuito. O sujeito é identificado com o lugar de resto, ficando sem uma intermediação com o Outro; mediante isso, ele evade-se da cena. Em outros termos, enquanto no *acting out* o sujeito atua ‘dentro’ ou ‘para dentro’ da cena, na passagem ao ato, o sujeito sai da cena para o mundo.

Por esse motivo, Lacan (1963/2005, 129) defende que a estrutura da passagem ao ato consiste em um *largar de mão*, um *evadir de cena*: “O momento da passagem ao ato é o do embaraço maior do sujeito, com o acréscimo comportamental da

emoção como distúrbio do movimento. É então que, do lugar em que se encontra (...), ele se precipita e despenca fora da cena.”

Trazendo novamente à discussão o caso Joana e destacando a frequência das chamadas “crises” (sic) durante as sessões e inclusive fora delas, podemos reconhecer a ocorrência de *acting outs*, além do lugar no qual o analista se encontrava. Este era convocado pela usuária, em sua relação com o objeto *a*, a ocupar o lugar de grande Outro, conferindo-lhe poder – e ao mesmo tempo exigência – de reconhecimento e entendimento de sua angústia. Por outro lado, considerando o prazer oculto e extraído da relação de abuso, Joana também parecia exigir do analista a sua punição.

Em suas “crises”, Joana deixava-se ‘cair’ e ao mesmo tempo permanecer ‘dentro’ da cena analítica. A relação transferencial parecia ser o fio condutor desses momentos. Nos *acting outs* ocorridos fora do horário das sessões, Joana costumava ligar para o CRMM-CR. Pedia para falar com o psicólogo e, ao telefone, repetia a cena. Mesmo à distância, a atuação permanecia ‘dentro’ da situação analítica; se a atuação não se dava dentro do espaço institucional, Joana fazia questão de informar ao telefone, trazendo-a ‘para dentro’.

### **CONSIDERAÇÕES FINAIS: O A PRIORI E A POSTERIORI DOS ATOS IMPULSIVOS**

No caso apresentado, houve uma cena na qual, de início, não fica claro se poderíamos classificá-la como *acting out* ou passagem ao ato. Certo dia, Joana compareceu muito aflita ao CRMM-CR. O psicólogo estava presente no espaço da acolhida. Ao avistá-lo, sentou-se, visivelmente alterada, mas contendo-se, e disse que precisava conversar com ele. Quando o psicólogo alegou que iria pegar um copo de água para ela se acalmar, Joana de imediato se levantou e saiu às pressas da instituição, voltando apenas na semana seguinte, quando estava com sessão marcada.

À primeira vista, tal cena parece indicar uma passagem ao ato uma vez que, ao encontrar-se com a angústia de maneira insuportável, Joana saiu às pressas da

instituição. Ela abriu mão da demanda por atendimento, colocou a transferência em suspenso e literalmente 'saiu de cena'. Porém, argumentamos que, tanto no caso do *acting out* quanto no da passagem ao ato, é necessária a análise da cena *a priori* e *a posteriori*.

Se considerarmos o momento anterior a esta cena, ou antes, o conjunto de acontecimentos que desdobraram na sua decisão de procurar ajuda, podemos postular que Joana tenha realizado um *acting out* à medida que, mesmo mediante uma fuga, terminou novamente por convocar o lugar do psicólogo como seu grande Outro.

A análise da cena *a posteriori*, por sua vez, sugere que somente podemos classificar a atuação de Joana a partir de seus efeitos. Enquanto a passagem ao ato gera uma ruptura, o *acting out* mantém uma situação sem grandes desdobramentos. Na semana seguinte à cena, Joana compareceu ao atendimento estando mais calma, como se nada de incomum tivesse ocorrido.

Por fim, a análise de Joana requeria um trabalho em relação à transferência, o que não foi possível uma vez que o profissional que a acompanhava, por conta do encerramento de seu contrato de trabalho, precisou encaminhar o caso. Não obstante, o caso clínico parcialmente apresentado demonstrou ser possível e viável a clínica psicanalítica no espaço do CRMM-CR, atendendo, ainda que por outros caminhos, ao propósito da instituição, a saber, colaborar para o enfrentamento e superação da violência contra as mulheres.

**ABSTRACT**

**ACT OUTING AND PASSAGE TO THE ACT IN LACAN: A FEW DISCUSSIONS  
ABOUT A SEXUAL ABUSE CASE**

This text presents a brief discussion on the concepts of acting out and passing to the act in Lacan, taking as a starting point the fragments of a clinical case involving sexual abuse, at the Mulheres da Maré Carminha Rosa Reference Center (CRMM-CR), extension project of the Federal University of Rio de Janeiro (UFRJ). Lacan argues that, in addition to the symptom, there are ways of coping with anguish that can cause acts or actions. These violent or dramatic acts, a properly psychoanalytic concept, and a passage to the act, a concept of psychiatric tradition. Lacan seeks to differentiate himself from his formulations on the object a. While acting, in its relationship with the object of desire, it suggests an action 'into' the analytical situation, showing the importance of the transference and the presence of the Other, a passage to the act indicates an 'exit from the scene'. It is necessary, however, that the actions be analyzed *a priori* and *a posteriori*, in other terms, considering the previous events and also the effects of such impulsive acts.

**KEYWORDS:** *Acting out*. Passage to the act. Sexual abuse.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

CALAZANS, R.; BASTOS, A. 2010. Passagem ao ato e *acting out*: duas respostas subjetivas. **Fractal: Revista de Psicologia**, v. 22, n. 2, pp. 245-256.

FREUD, S. 1996. **Esboços para a “Comunicação preliminar” de 1893** (1940-41 [1892]). In: *Edição Standard Brasileira das Obras completas psicológicas de S. Freud*. Vol. I. Rio de Janeiro: Imago, pp. 189-196.

\_\_\_\_\_. 1996. **Extratos dos Documentos Dirigidos a Fliess** (1950 [1892-1899]). In: *Edição Standard Brasileira das Obras completas psicológicas de S. Freud*. Vol. I. Rio de Janeiro: Imago, pp. 219-331.

\_\_\_\_\_. 1996. **‘Uma criança é espancada’: Uma contribuição ao estudo da origem das perversões sexuais** (1919). In: *Edição Standard Brasileira das Obras completas psicológicas de S. Freud*. Vol. XVII. Rio de Janeiro: Imago, pp. 193-218.

LACAN. 2005. **O Seminário: A angústia** (1962-1963): aula de 23 de janeiro de 1963. Rio de Janeiro: Jorge Zahar.

SECRETARIA DE POLÍTICAS PARA AS MULHERES. 2006. **Norma Técnica de Uniformização: Centros de Referência de Atendimento à Mulher em Situação de Violência**. Brasília, 45 p.

SILVA, T. C. 2011. *Acting out*: o objeto causa do desejo na sessão analítica. **Opção Lacaniana: Revista Brasileira Internacional de Psicanálise**, n. 30, pp.1-11.

VANIER, 2005. A. **Lacan**. São Paulo: Estação liberdade, 128 p. Série Figuras do Saber.